

# A escrita de si, o coabitar problemas e a partilha do sensível:

o encontro com o grupo de estudos Enfilo  
Daniel Salésio Vandresen

**Como citar:** VANDRESEN, D. S. A escrita de si, o coabitar problemas e a partilha do sensível: o encontro com o grupo de estudos Enfilo. *In:* RODRIGUES, A.; GELAMO, R. P. **Percepções sobre o ensino de filosofia:** registros de um tempo e seus movimentos. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2021. p 359-377.  
DOI: <https://doi.org/10.36311/2021.978-65-5954-191-1.359-377>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

# A escrita de si, o coabitar problemas e a partilha do sensível: o encontro com o grupo de estudos ENFILO

*Daniel Salésio VANDRESEN<sup>1</sup>*

## Introdução

*“Falar, e sobretudo escrever, é jejuar”*  
(Gilles Deleuze e Félix Guattari .).

O que é filosofia? O que é ensino de filosofia? O que ensinar em filosofia? Como ensinar em filosofia? Como aprender em filosofia? Para que ensinar filosofia? Qual o ofício do professor filósofo? Como avaliar em filosofia? O que se espera da formação discente a partir da filosofia? Muitas perguntas se colocam quando se reflete sobre o ensino de filosofia, mas uma em especial conduz nosso trabalho: como pensar o ensino de filosofia como problema filosófico?

Ao colocar esta questão, entendemos que o próprio fazer do ensino de filosofia precisa se realizar em um filosofar problematizador. Entendemos que o estatuto epistêmico do ensino de filosofia, desqualificado muitas vezes pela academia de filosofia,

---

<sup>1</sup> Instituto Federal do Paraná (IFPR), Coronel Vivida, Paraná, Brasil. Doutor em Educação pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6662-4703>. E-mail: [daniel.vandresen@ifpr.edu.br](mailto:daniel.vandresen@ifpr.edu.br)

<https://doi.org/10.36311/2021.978-65-5954-191-1.p359-377>

passa por uma atitude teórica-metodológica de coabitar problemas como modo de tensionar o ensino e a aprendizagem em filosofia. As questões acima apresentadas ou qualquer outra colocada para pensar o ensino de filosofia só serão filosóficas quando se colocarem em uma atitude problematizadora do próprio filosofar.

Meu primeiro encontro com o grupo de estudo e pesquisa Enfilo foi durante a realização do doutorado (2015-2019), no qual desenvolvi uma pesquisa sobre o ensino de filosofia na educação técnica de nível médio. Essa pesquisa teve como orientação teórica o de pensar a tarefa ético-política do ensino de filosofia no ensino médio técnico como modo de proporcionar a aprendizagem do cuidado de si, um cuidado que se realiza em uma vida que se arrisca nos exercícios de si. Atualmente, em minha prática docente e pesquisa de pós-doutorado vinculado ao Enfilo, tenho trabalhado com o conceito de escrita de si de Michel Foucault com o objetivo de pensar a escrita filosófica como modo de ensinar e aprender em filosofia.

Nesse sentido, o percurso descritivo deste capítulo apresenta as recentes problematizações teóricas em minha pesquisa: inicialmente apresentamos a noção de escrita de si em Foucault, descrevendo a escrita filosófica no ensino de filosofia como um modo de coabitar problemas. Em seguida, desenvolvemos a compreensão de Jacques Rancière de uma escrita como ato político e partilha do sensível. E, por fim, descrevemos nossa filiação conceitual e experiência partilhada na comunidade de pensamento que constitui o grupo Enfilo.

## A escrita de si e o coabitar problemas em filosofia

O conceito de escrita de si desenvolvido por Foucault está situado em suas investigações em torno da noção de cuidado de si (*epiméleia heautoû*), a qual entende como um exercício de produção da subjetividade realizado por meio de técnicas de si, um exercício que também é uma arte/técnica de viver (*technè tou biou*). Por isso, define que o cuidado de si “[...] constitui um princípio de agitação, um princípio de movimento, um princípio de permanente inquietude no curso da existência” (FOUCAULT, 2004, p. 11). Desse modo, suas pesquisas na década de 1980, denominadas como estética da existência, se constituem em uma reflexão sobre a relação entre as técnicas de si e a constituição do sujeito. Como afirma:

O fio condutor que parece ser o mais útil, nesse caso, é constituído por aquilo que poderia ser chamar de “técnicas de si”, isto é, os procedimentos, que, sem dúvida, existem em toda civilização, pressupostos ou prescritos aos indivíduos para fixar sua identidade, mantê-la ou transformá-la em função de determinados fins, e isso graças a relações de domínio de si sobre si ou de conhecimento de si por si (FOUCAULT, 1997, p. 109).

Nesta perspectiva, o tema da escrita de si em Foucault aparece como um diagnóstico das técnicas de si desenvolvida na filosofia antiga, principalmente em Platão e nos estoicos. Segundo Foucault (2014), entre os estoicos, principalmente Sêneca, Epicteto e Marco Aurélio, a *epiméleia* constitui-se de um conjunto de

ocupações para consigo mesmo, um trabalho de si por diferentes práticas, como: o exame da consciência, a meditação, os cuidados com o corpo, a leitura e a escrita. E ao tratar sobre a escrita, afirma: “[...] em torno dos cuidados consigo toda uma atividade de palavra e escrita se desenvolveu, na qual se ligam o trabalho de si para consigo e a comunicação com outrem” (FOUCAULT, 2014, p. 66-67).

No curso de 1982 intitulado *A Hermenêutica do Sujeito*, Foucault (2004) trata sobre história do cuidado de si e ao mencionar o tema da escrita afirma que ela é um exercício que permite vincular a verdade ao sujeito, ou seja, permite interiorizar as verdades recebidas tornando-se uma espécie de hábito. A escrita possibilita dois usos, um para nós e um uso para os outros, o que os gregos denominavam de *hypomnēmata* (FOUCAULT, 2004, p. 433), constituindo-se em um verdadeiro cuidado de si e dos outros.

Já no texto de 1983 intitulado “A escrita de si”, Foucault (2012) vai aprofundar essa temática definindo a escrita como uma “[...] prática da ascese como trabalho não somente sobre os atos, porém mais precisamente sobre o pensamento [...]” (FOUCAULT, 2012, p. 142). Assim, entende que a escrita possibilita um exercício de si por si mesmo pelo trabalho do pensamento. “É a sua própria alma que é preciso criar no que se escreve” (FOUCAULT, 2012, p. 149).

E acrescenta, que este trabalho no pensamento, por meio da escrita como um elemento de treinamento de si, tem como objetivo se constituir em princípios racionais de ação, ou seja, transformas a verdade em *êthos*, atitude denominada por Plutarco como uma função *etopoiética*. Em seguida, Foucault passa a descrever duas

formas de escrita *etopoética* que aparecem nos séc. I e II: a *hypomnêmata*, que são um tipo de anotações que servem de guia de conduta e utilizadas como livro de vida) e a correspondência, que são cartas escritas como forma de correspondência espiritual da experiência da vida cotidiana, neste tipo de carta a escrita age tanto sobre aquele que escreve quanto sobre aquele que envia. Como afirma: “A carta que se envia age, por meio do próprio gesto da escrita, sobre aquele que a envia, assim como, pela leitura e releitura, ela age sobre aquele que a recebe” (FOUCAULT, 2012, p. 150).

Ao estudar os estoicos, Foucault (2012) menciona que em Epicteto a escrita estava associada à meditação, ou seja, no exercício do pensamento sobre ele mesmo. Já em Sêneca, afirma que o autor estoico dizia que era preciso ler, mas também escrever. E ao estudar as cartas de Sêneca, Foucault descreve que o objetivo era examinar a vida cotidiana para prepara-se diante de outros acontecimentos semelhantes. O exame da vida constitui um exercício que “[...] lança sobre si mesmo ao comparar suas ações cotidianas com as regras de uma técnica de vida” (FOUCAULT, 2012, p. 157), isso significa que é preciso examinar a maneira como se vive tendo como referência a criação da arte de viver, ou seja, da construção da melhor forma de viver.

No entanto, Foucault (2010) ao analisar a *Sétima Carta* (ou Carta VII) de Platão, menciona um certo conflito entre a atividade da escrita e o filosofar na filosofia antiga. Neste texto, Platão relata sobre o fracasso de Dionísio na prova da filosofia, recusando a filosofia como exercício de práticas e escolhendo escrever um tratado de filosofia. Platão descreve: “[...] meu primeiro cuidado foi certificar-me se Dionísio era mesmo unha e carne com a filosofia”

(PLATÃO, 1975, p. 154) e explica que ele apesar de pretender-se filósofo não a praticava como atividade existencial. Por meio da descrição de Platão, Foucault evidencia que a experiência de Dionísio é de uma escrita como reprodução, mas que a filosofia deve ser realizada como modo de vida, em que a própria vida deve ser modificada por meio de práticas cotidianas, sendo uma delas a escrita.

A partir disso, Foucault compreende a filosofia como exercício de si que se realiza por práticas. Então afirma: “Aquilo que a filosofia encontra seu real é a prática da filosofia, entendida como conjunto das práticas pelas quais o sujeito tem relação consigo mesmo, se elabora a si mesmo, trabalha sobre si. O trabalho de si sobre si é o real da filosofia” (FOUCAULT, 2010, p. 221). Ao interpretar a *Carta VII* que trata sobre o relato de Platão sobre sua missão de conselheiro político na ocasião de sua segunda viagem a Sicília, Foucault percebe que o que está em jogo na missão de Platão é o próprio sentido da filosofia: não ser puro e simples discurso (logos), mas *érgon* (tarefa, obra).

A *Carta VII* é para Foucault uma reflexão que trata sobre o real da filosofia, contudo, não o real enquanto parâmetro para medir se a filosofia é verdadeira ou não, mas da verdade como modo de vida. E cita o exemplo do homem doente, relatado por Platão, demonstrando que, para que a filosofia não seja apenas discurso, mas realidade, ela precisa ter a mesma atitude do médico que busca convencer o doente a mudar seu regime de vida, ou seja, o que está em jogo é seu modo de vida cuja transformação evitará outras doenças.

Já Pierre Hadot (2014) ao descrever sobre o tema do discurso como modo de operar mudança sobre si mesmo, também resgata a importância da escrita como exercício. Para o autor, nos estoicos a escrita não deve ser entendida como um modo de resolver problemas teóricos e abstratos ou de fórmulas destinadas a ser aplicadas mecanicamente, mas deve ser entendido como máximas, como regras de viver, que orientam a ação. Na escrita “[...] o que conta é o ato de escrever, de falar-se para si mesmo” (HADOT, 2014, p. 255).

Hadot (2016) também descreve que o tema da escrita na Antiguidade estava sempre associado ao ensino e aponta que durante quase três séculos (desde Sócrates até o século I d.C.) ela correspondia a um jogo de perguntas e respostas. E na escrita não consistia em expor algo de maneira sistemática, como também descreve Platão sobre o fracasso de Dionísio, mas de um diálogo em que mestre e discípulo estão tratando de questões circunstanciais aos seus problemas, seja de ordem da problematização do saber seja da ordem do estado moral.

O que é o “si” da escrita de si? Não é um eu como identidade fundamental, mas a formação de uma subjetividade singular. A escrita filosófica enquanto problematização de si constitui-se em um modo de liberar o indivíduo do assujeitamento produzido pelos processos de uma escrita reprodutora. Deste modo, a escrita de si é um acontecimento em que o próprio indivíduo está em jogo, ou seja, ele apropria-se da escrita quando deixa-se afetar pelo acontecimento de uma experiência ou pensamento. Pensar a escrita como acontecimento é abrir-se para o encontro com o inusitado, com o estranho, com a que nos desassossega e nos provoca a mudança.

Compreendemos a filosofia e seu ensino como um modo de “coabitar problemas” (FOUCAULT, 2010, p. 225), o qual constitui uma relação consigo que permite estar atento ao que nos acontece e nos afeta no cotidiano de nossa existência. É essa atenção problematizadora com as práticas cotidianas que propomos evidenciar pela análise do acontecimento discursivo e, assim como afirma Plutarco, é “[...] a vida cotidiana dá a possibilidade de filosofar” (HADOT, 2014, p. 68) e pensar a singularidade de nossa existência.

A partir disso, pensamos que no ensino de filosofia o essencial não é a transmissão de um conteúdo em que o é suficiente a sua apreensão. Ao contrário, a filosofia precisa ser praticada em uma **coexistência**, em um **coabitar** problemas, onde não há respostas imediatas e definitivas, mas que se realiza como um “longo caminho da filosofia, isto é, tomar a via rude dos exercícios e práticas” (FOUCAULT, 2010, p. 224).

Foucault (2010, p. 233, nota n. 6), retomando a Carta VII de Platão, em que este afirma que é necessário frequentar por muito tempo os problemas, somente convivendo com eles que é possível a verdade brotar na alma. Nas palavras de Platão:

Não é possível encontrar a expressão [*mathémata*] adequada para problemas dessa natureza, como acontece com outros conhecimentos. **Como consequência de um comércio prolongado e de uma existência dedicada à meditação de tais problemas** é que a verdade brota na alma como a luz nascida de uma faísca instantânea, para depois crescer sozinha (PLATÃO, 1975, p. 155, nossa inclusão e grifo).

Também aponta, que a filosofia como *mathémata* conduz a ideia de que “dava-se ares de saber muitas coisas e de dominá-las” (PLATÃO, 1975, p. 155) e isso para Foucault (2010, p. 224) acarreta na ideia de que “agora que já sabia o bastante, não precisava se formar mais”. Nesse modo de filosofia como transmissão, a posse da verdade conduz a um modo de ser em que as relações de poder são autoritárias, como por exemplo, em práticas de ensino em que o professor se coloca como detentor da verdade a ser transmitida e o aluno sendo apenas receptor e reproduzidor desse saber. E isso para Foucault tem consequências éticas, isto porque, torna-se perigoso o modo de proceder daqueles que praticam a *mathémata*, como afirma:

Mas na verdade seria ou inútil, ou perigoso. **Seria perigoso** para os que efetivamente, não sabendo que a filosofia não tem outro real senão suas próprias práticas, **imaginariam conhecer a filosofia, tirando disso vaidade, arrogância e desprezo pelos outros**, e portanto seria perigoso. Quanto aos outros, aos que sabem perfeitamente que o **real da filosofia** está nesta, na sua e nas **suas práticas**, pois bem, para esses o ensino pela escrita, a transmissão pela escrita seria totalmente inútil (FOUCAULT, 2010, p. 226, grifos nossos).

Nessa perspectiva, o ensino de filosofia como transmissão e através do reconhecimento de si pela verdade produz a dogmatização de posicionamentos e, como consequência, dificultando as relações com o outro. Por isso, pensamos que a filosofia precisa se realizar como um aprendizado do coabitar problemas, no qual a filosofia é um caminho de práticas que jamais se completa. Desse modo,

aprender a coabitar problemas pressupõe que o sujeito esteja em uma relação viva com seu presente, ou seja, constitui um modo de estar atento ao que se passa consigo e em seu modo de agir ético em relação ao mundo e aos outros.

Então, como entender a escrita como um modo de coabitar problemas? Para responder, recorreremos a interpretação feita por Deleuze (2005) do pensar como problematização na filosofia de Foucault, como afirma:

Certamente, uma coisa perturba Foucault, e é o pensamento. 'Que significa pensar? O que se chama pensar?' – a pergunta lançada por Heidegger, retomada por Foucault, é a mais importante de suas flechas. Uma história, mas do pensamento enquanto tal. **Pensar é experimentar, é problematizar.** O saber, o poder e o si são a tripla raiz de uma problematização do pensamento (DELEUZE, 2005, p. 124, grifos nossos).

Nesta perspectiva, a escrita como expressão do exercício de si no pensamento possibilita a experiência do coabitar os problemas. A partir do exposto, defendemos a atitude de coabitar problemas como modo de praticar a filosofia. Isso exige uma atitude de contraposição à ideia da transmissão da verdade, a qual implica em uma busca metódica para resolver problemas. Ao contrário, coabitar os problemas não implica necessariamente em dar respostas, mas em um movimento de problematização que conduz ao desprender-se de si mesmo.

Enfim, perguntamos: o que a escrita de si se diferencia de outra forma de escrita? No desenvolvimento desse trabalho

defendemos o exercício da escrita como uma forma de problematização de si que potencializa o fazer filosófico, tornando-se um instrumento fundamental para combater certas práticas de ensino em que o conhecimento é demarcado pela produção de repetições. Em um ensino como repetição apenas se gera imitação, isto porque nesse processo de transmissão do conhecimento o indivíduo deixa-se operar pelos outros e sua resposta nada mais é que a reprodução da informação recebida. Por isso, por meio da leitura foucaultiana da noção de escrita de si procuramos descrever uma inquietação por meio de uma escrita filosófica problematizadora das práticas como forma de atenção ao presente e uma relação menos abstrata no ensino. Isto quer dizer que, diferentemente da repetição do conteúdo como reprodução do mesmo, em que o indivíduo se deixa operar pelo comando do outro, se tornando um sujeito autômato, na escrita de si como prática existencial torna-se possível construir uma relação consigo transformadora.

### **A escrita como partilha do sensível**

Na obra “Políticas da escrita” Rancière (1995) desenvolve a relação entre política e escrita a partir da noção de partilha do sensível, a qual é entendida como constitui de uma comunidade pela determinação do sensível como relação entre o comum partilhado e a separação do que lhe é próprio, do sentido partilhado e do que é dissemelhante, do dentro e do fora. A partir disso, entende que a escrita não é o mero exercício de uma competência como ocorre na atenção apaixonada que as sociedades escolarizadas dão ao

aprendizado da escrita, antes, o ato da escrita é uma maneira de dar sentido ao modo como um corpo ocupa o sensível.

Escrever é o ato que, aparentemente, não pode ser realizado sem significar, ao mesmo tempo, aquilo que realiza: uma relação de mão que traça linhas ou signos com o corpo que ela prolonga; desse corpo com a alma que o anima e com os outros corpos com os quais ele forma uma comunidade; dessa comunidade com a sua própria alma. [...] o ato da escrita é uma maneira de ocupar o sensível e de dar sentido a essa ocupação. (RANCIÈRE, 1995, p. 7).

A escrita não é um simples gesto de gravar um resultado em um texto, mas opera algo no real quanto atribui sentido aos espaços ocupados. O ato de escrever solicita um corpo, altera a relação e o movimento no encontro com outros corpos. Por isso, o conceito e o ato da escrita são políticos porque o significado que traça é a marca de um sujeito em seu devir corpo-alma na comunidade. A relação entre escrita e comunidade ocorre quando a primeira em seus modos de visibilidade expressa a experiência estética e política da segunda.

Para Rancière (1995) governa no pensamento ocidental, desde Platão com o mito da invenção da escrita desenvolvido no final do texto *Fedro*, uma redivisão entre a ordem do discurso e das condições, isto é, um jogo “[...] complexo que é jogado entre os poderes do escrito e a ordem ou a desordem do social” (RANCIÈRE, 1995, p. 13). No *Fedro*, há uma concepção crítica da escrita porque ela é ao mesmo tempo muda e falante demais. É muda porque não há nenhuma voz acompanhando-a para dar às palavras o tom da

verdade delas a ser recebidas pelos receptores. Deste modo, se contrapõe ao ato de palavra que dá a um logos sua legitimidade pelo ato de falar e ouvir. E é falante demais porque a escrita circula como uma letra morta sem saber a quem se destina, dando a ela uma voz que não é mais a dela.

A escrita não tem corpo, é a expressão de um sentido partilhado por uma comunidade de pensamento. A escrita expressa o modo como uma comunidade afetou-se pela partilha do sensível. Por isso, Rancière afirma: “Há escrita quando palavras e frases são postas em disponibilidade, à disposição, quando a referência do enunciado e a identidade do enunciador caem na indeterminação ao mesmo tempo” (RANCIÈRE, 1995, p. 8).

Para Rancière nesta oposição “[...] entre a voz viva e a escrita morta, é preciso reconhecer uma oposição mais essencial entre dois modos de circulação dos enunciados: um enunciado acompanhado e um enunciado livre” (RANCIÈRE, 1995, p. 8). O enunciado acompanhado, que é matriz de qualquer pedagogia, é o ato de explicar e conduzir um significado do ponto de partida ao ponto de destino pelo dono. É “[...] uma atualização do *logos* da comunidade enquanto partilha do *logos* [...] do modo como o *logos* faz questão de ser” (RANCIÈRE, 1995, p. 9). Já o enunciado livre, ao separar o enunciado da voz que o enuncia legitimamente, “[...] vem embaralhar qualquer relação ordenada do **fazer**, do **ver** e do **dizer**. A perturbação teórica da escrita tem um nome político: chama-se democracia” (RANCIÈRE, 1995, p. 9). Rancière entende a democracia não como um modo particular de governo, mas como a forma da comunidade em que a circulação de uma escrita órfã que

afasta qualquer relação natural entre a ordem das palavras e a das condições.

A perturbação da escrita muda/falante é, assim, mais profunda que a da mimese teatral denunciada na *República*. Antes de ser o regime do teatro mentiroso, a democracia é o regime da escrita. E a escrita é, indissolúvelmente, duas coisas em uma: é o regime errante da letra órfã cuja legitimidade nenhum pai garante, mas é também a própria textura da lei, a inscrição do que a comunidade tem em comum (RANCIÈRE, 1995, p. 9).

Rancière aponta que a partir de Platão se desenvolve o sonho de corrigir o mal da escrita por meio de uma outra escrita que é, ao mesmo tempo, menos que escrita e mais que escrita. Menos que escrita porque expressa “um puro trajeto do *logos* que não se expõe a nenhum desvio” e não passa pela palavra simulacro que fala com todos sem ser destinado a ninguém. E é também mais que escrita, uma escrita “[...] infalsificável, pois que traçada na própria textura das coisas, desenhando o corpo mudo/falante da própria verdade” (RANCIÈRE, 1995, p. 10).

Na forma platônica do diálogo, a afirmação do *logos* vivo, do discurso nobre, é a proteção contra a dispersão e o desvio democráticos da escrita, porque para Rancière “há democracia – e política, conseqüentemente – porque há palavras sobrando, palavras sem referente e enunciados sem pais que desfazem qualquer lei de correspondência entre a ordem das palavras e as coisas” (RANCIÈRE, 1995, p. 15).

Para Rancière a relação da escrita com o conteúdo não é de uma verdade a ser representada como correspondência natural entre palavras e coisas, nem o de ser uma estrutura formal que expressa um *logos* sem desvios. E sim, uma escrita sem corpo que coloca à disposição a partilha do sensível em uma comunidade democrática.

### **Considerações sobre o encontro com o grupo de estudos Enfilo**

Meu primeiro contato com o grupo de estudo e pesquisa Enfilo (Grupo de Estudos sobre o Ensino de Filosofia) ocorreu em 2014, quando conheci o prof. Dr. Rodrigo Peloso Gelamo por ocasião do ingresso no doutorado em educação do Programa de Pós-graduação em Educação da UNESP de Marília. Grupo ou melhor, nos termos de Rancière, uma comunidade em que a partilha do pensamento e da vida tenciona o exercício do trabalho crítico de nós mesmos.

Neste encontro, o que mais me inquietou a atenção e cuidado comigo mesmo foram os tensionamentos dos problemas da pesquisa e da escrita como exercício do filosofar. O que marca a singularidade desse grupo é a partilha e um caminhar juntos em torno da problematização da filosofia e de seu ensino. Um caminhar que busca potencializar o ensino de filosofia como problema filosófico, isto é, um modo de pensar e praticar a filosofia que é o de coabitar o caminho pela verticalização dos problemas. Entendemos que o ensino de filosofia deve ser tratado como problema filosófico ou não será filosofia, ou seja, o exercício do pensamento não é a

busca por um resultado ou um produto, mas o próprio filosofar enquanto devir. E diante do não reconhecimento da filosofia do ensino de filosofia como disciplina/área da filosofia, busca-se habitar este não-lugar no qual ainda é possível pensar outras filosofias.

Um modo de operar o pensamento e a pesquisa que também exige outro olhar sobre a escrita filosófica, a qual não é da representação e da analítica da verdade que predominam na tradição acadêmica, mas da escrita como um modo de dar sentido a maneira como coabitamos problemas e ocupamos o sensível.

O Enfilo como comunidade da partilha do sensível, nos termos de Rancière, nos proporcionou encontros do comum compartilhado (filosofia do ensino da filosofia) e da diferença que é própria de cada pensamento, experiência e interesses de pesquisa.

Minha prática docente em filosofia iniciou-se em 2005 na rede de educação do Estado do Paraná, momento em que se reformulava a diretriz curricular de filosofia sob a perspectiva teórica-metodológica da noção de **criação de conceitos** em Deleuze. Deste modo, já no início de minha atividade como professor de filosofia já problematizava minha prática filosófica, no entanto, apenas como um modo de praticar a filosofia em uma nova orientação teórica e metodológica. E foi a partir desse encontro com o Enfilo que tensionei minha prática do ensino de filosofia como problema filosófico, ou seja, não apenas uma reflexão crítica sobre o que ensinar (problematização sobre a escolha do conteúdo) e como ensinar (problematização sobre modos de ensinar em filosofia), e sim, sobretudo, praticar o ensino de filosofia como uma atitude ético-política em que o modo de coabitar problemas produz uma tensão vertical de liberação. Portanto, como um *êthos* filosófico.

Enfim, o encontro com o Enfiló, nos problemas coabitados, na escrita tensionadas e na partilha do sensível, levou-me há um singular acontecimento em minha prática docente em filosofia.

### **Considerações Finais**

No desenvolvimento desse trabalho defendemos o exercício da escrita filosófica como uma forma de problematização de si que potencializa o filosofar, tornando-se um instrumento fundamental para combater certas práticas de ensino em que a escrita é deslocada apenas para a função de reprodução do conhecimento. Por meio da leitura foucaultiana da noção de **escrita de si** e da escrita como partilha do sensível em Rancière procuramos descrever a escrita filosófica como uma inquietação com a atualidade que nos constitui, fazendo da filosofia um coabitar o presente e uma relação menos abstrata no ensino.

Diante de um empobrecimento da experiência de si intensificada na cultura moderna e do enraizamento de uma prática de ensino em que a escrita cada vez menos se vincula a vida, torna-se fundamental questionar nosso uso descartável da escrita. É preciso coabitar o tempo da escrita. É preciso ruminar como diz Nietzsche ou jejuar como afirma Deleuze e Guatari (1977, p. 30) “Falar, e sobretudo escrever, é jejuar”.

## Referências

- DELEUZE, G. **Foucault**. Trad. C. Martins. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Kafka**: por uma literatura menor. Trad. Júlio C. Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- FOUCAULT, M. **A Hermenêutica do Sujeito**. Trad. Márcio A. da Fonseca e Salma T. Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- FOUCAULT, M. **Ética, Sexualidade, Política**. 3. ed. Trad. Elisa Monteiro e Inês A. D. Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- FOUCAULT, M. **História da Sexualidade 3: Cuidado de Si**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- FOUCAULT, M. **O governo de si e dos outros**: curso no Collège de France. Trad. E. Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- FOUCAULT, M. Subjetividade e Verdade. *In*: FOUCAULT, M. **Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1997. p. 107-115.
- HADOT, P. **O que é filosofia antiga?**. 6. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- HADOT, P. **A filosofia como maneira de viver**: entrevista de Jeannie Carlier e Arnold I. Davidson. Trad. L. C. de Malimpensa. São Paulo: É Realizações, 2016.

PLATÃO. **Diálogos**: Fedro - Cartas - O primeiro Alcibíades.  
Belém: Ed. UFPA, 1975.

RANCIÈRE, J. **Políticas da escrita**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.